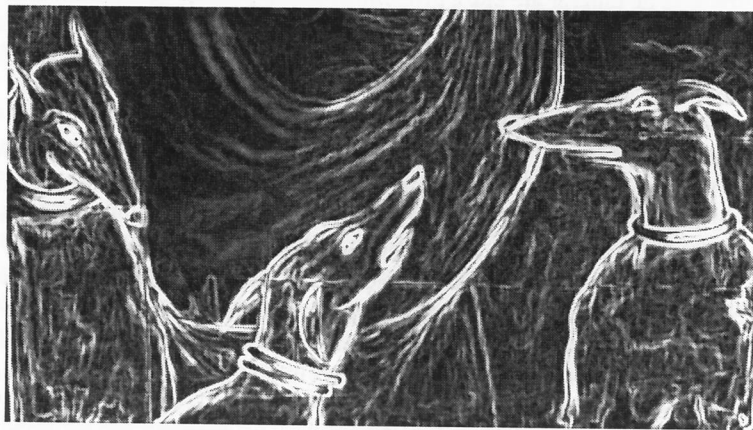


de Beddgelert e siga a pé o caminho através do campo; poucos metros adiante irá se deparar com uma pilha de pedras erguidas sobre um dos mais valentes cães da história, Bedd Gelert. Eis o Túmulo de Gelert.



Gwyn e o pote de ouro

*Tradução de Julia Karl
Schwinn
julia.schwinn@gmail.com*

As crianças estavam brincando na rua e chamaram Gwyn:

— Venha brincar conosco, Gwyn! Nós vamos jogar o Dewi no rio!

Mas Gwyn, o filho do moleiro, não foi com as outras crianças. Ele queria subir a colina em que, no dia anterior, tinha achado duas moedas de ouro gravadas com formas estranhas e fascinantes.

— São moedas encantadas! — disse sua mãe. — Teremos dez anos de azar se você trazer elas aqui — dez anos para cada moeda! Vou jogá-las no poço de Morgana. Ela é uma bruxa velha e merece isso!

Naquela mesma noite, a mãe de Gwyn saiu às escondidas de casa e levou as moedas, que tinha guardado debaixo de uma pedra. Ao chegar à casa da vizinha, a viúva Morgana, que era mãe de Dewi, jogou as moedas no poço.

Totalmente desapontado, Gwyn voltou à colina e começou a procurar mais moedas estranhas. Foi aí que viu um homenzinho engraçado vestido de amarelo e azul, com uma flor enorme em seu chapéu.

— Venha comigo, Gwyn. Vou mostrar onde você pode achar mais moedas de ouro! Venha, venha!

Um pouco nervoso, mas ansioso para ver as moedas, Gwyn seguiu o duende, que entrou numa caverna na encosta da colina.

Por dez longos anos Gwyn nunca mais foi visto na vila.

Um belo dia, a mãe de Gwyn, envelhecida e entristecida pelo sofrimento, abriu a porta da frente de casa e lá estava Gwyn na soleira! Ele não tinha envelhecido um dia sequer! Sua mãe gritou:

— Gwyn! Gwyn voltou! Ifan Miller! Gwyn voltou para nós!

O pai de Gwyn apareceu na porta.

— Mas é uma criança. Nosso Gwyn deveria estar com vinte anos! — disse.

Gwyn, mal reconhecendo seus próprios pais, respondeu:

— Sou eu, papai, Gwyn. O que aconteceu? Dormi a noite inteira em uma caverna nas colinas depois de um banquete encantado — ele olhou para cima e viu a casa da viúva Morgana.

— O que aconteceu com a casa da viúva Morgana? Está tão grande e nova!

A casa da vizinha era agora uma enorme mansão que tinha ao lado três grandes celeiros muito movimentados, com homens que corriam para dentro e para fora puxando carrinhos grandes e cheios de garrafas d'água. Na frente havia uma placa enorme que dizia:

ÁGUA MINERAL COM GÁS DA VIÚVA
MORGANA. NENHUMA OUTRA ÁGUA É AS-
SIM! DÊ UM POUCO DE GÁS EM SUA VIDA!

Naquele momento a própria viúva apareceu na porta, em um vestido lindo e caro, seguida de um jovem de uns vinte anos.

— Oi!!!, mãe do Gwyn! Como vai você? E quem é esse menino, parece o próprio Gwyn! — e deu uma risada aguda e estridente. — Venha, Dewi, não podemos nos atrasar para o chá da tarde com a rainha. — E eles entraram em uma carruagem de ouro puxada por seis cavalos brancos como a neve.

— Entre, Gwyn, meu filho, não dê atenção a ela — disse a mãe de Gwyn, que o levou até a lareira. Em casa, Gwyn explicou que no dia anterior, ou na verdade há dez anos atrás, ele havia seguido um duende e entrado em um buraco no chão, comido um banquete e caído no sono em um banco; quando acordou, viu-se na grama orvalhada na encosta da colina e caminhou para casa. A mãe e o pai ficaram tristes com a história de Gwyn, mas felizes e satisfeitos porque ele finalmente estava em casa.

Alguns dias se passaram e Gwyn ouviu seus pais conversando na cozinha.

— Estou sem trabalho, querida, os ingleses queimaram todo o trigo — disse o pai.

— Estamos sem dinheiro. O que vamos fazer? — perguntou a mãe.

— Sempre tem o tesouro de Pentyrch, o pote de ouro — ele riu sem graça.

— Ah, não seja bobo, Ifan Miller, esse tesouro é invenção. Assim como as fadas, ele não existe!

— Sim, as fadas existem! — Gwyn entrou na cozinha. — Conte-me sobre o tesouro de Pentyrch, papai!

Ifan Miller contou a história do grande tesouro de Pentyrch, que era apenas uma lenda contada de geração em geração.

— O tesouro não existe de verdade. Sabe aquele rochedo em Pentyrch? Dizem que há um pote de ouro embaixo dele — concluiu o pai.

— Vamos tentar achar o tesouro, mamãe, papai! — exclamou Gwyn animado com a expectativa.

— Seria procurar em vão, filho. O tesouro não está lá. Além disso, ninguém consegue mover o rochedo para pegá-lo.

— Vamos tentar, por favor, vamos tentar! — Gwyn insistiu.

Gwyn não parou de falar sobre o tesouro e sobre como eles deveriam tentar, até que no fim a mãe e o pai cederam e concordaram que no dia seguinte eles levassem Benno, o burro. Empurrariam e puxariam o grande rochedo até que o tesouro, que não estava lá, fosse revelado.

Então, no dia seguinte, a mãe, o pai, Gwyn e Benno partiram de casa para uma caminhada de duas horas até Pentyrch. No caminho, encontraram algumas pessoas da vila e vizinhos que perguntaram sobre sua aventura.



– Nós vamos pegar o tesouro de Pentyrch! – disse Gwyn, antes que seu pai pudesse calá-lo.

– HAHHAHA! – riram os vizinhos. – O tesouro de Pentyrch? Aquela velha história que nossas avós costumavam nos contar?!

Quando chegaram ao rochedo, a história já havia se espalhado e uma multidão estava esperando para ver a família do moleiro fazer papel de boba, mas também esperando ganhar uma parte do tesouro.

Ifan começou a trabalhar imediatamente e atrelou o velho Benno à pedra do tamanho de uma casa. Quando tudo estava pronto, o burro no vale abaixo, a pequena família preparada atrás da pedra, começaram a puxar. Empurrem! Puxem! Com cada esforço o povo gritava "COM FORÇA!" e urravam de tanto rir. Ficar gritando "COM FORÇA!" depois de vinte minutos, estava começando a ficar entediante.

– Cansei disso. Vou embora – um dos homens na multidão disse, e foram começando a se afastar. Naquele exato momento se escutou um barulho e a multidão congelou. Lenta e vagorosamente a grande pedra se moveu alguns centímetros, e todos voltaram correndo para dar uma olhada. De centímetro em centímetro, lentamente, a pedra deslizou pelo chão, e então houve um grande estrondo e a coisa toda foi rolando vale abaixo, esmagando o pobre Benno que morreu. A terra ficou exposta, e lá estava – onde a grande rocha antes estivera – lama! Nenhum pote de ouro.

– Idiotas! – alguém disse, e o povo se dispersou e foi para casa.

– Bem, – disse Gwyn – sempre resta aquele saco de diamantes que eu trouxe lá da caverna encantada.

E viveram felizes para sempre.

A ponte do espírito branco

Tradução de Andressa Santos Travassos
andressa.travassos@gmail.com

Na costa sudoeste do País de Gales fica o castelo de Kidwelly. Suas espessas muralhas são como uma barreira intransponível que resistiu a muitos exércitos saxões que, em vão, se atiraram contra aquela pedra dura e fria. Anos depois, os normandos fizeram o mesmo.

Dentro dessas muralhas viveu Sir Elidir Duh, com seus dois filhos, Rhys e Gruffydd e sua filha, a adorável Nest — adorável, mas um tanto burrinha, além de falar demais. Um monte de outras pessoas também viviam no castelo, é claro, mas não precisamos nos preocupar com eles. Com exceção talvez de Gladys, prima de Nest, cujo pai morreu em uma batalha feroz, *obrigando sua mulher e filha a viverem às custas de Sir Elidir. Portanto, a cunhada de Sir Elidir também vivia no castelo.* Gladys tinha muita inveja de Nest, pois todos os jovens do castelo (sim, está certo, eles viviam lá também!) e os jovens nobres e ricos que vinham visitar ficavam rondando Nest como abelhas na volta daqueles grandes potes de vinho de terras distantes, prestando pouca atenção a Gladys, que era uma moça sem atrativos. Ela era tão invejosa que pregava peças sórdidas em Nest, que acreditava que Gladys era sua amiga. Nest nunca entendia como pequenos sapos apareciam em seu cálice de vinho ou como sua escova de cabelo ficava grudada de mel, ou como, em noites de verão, sua cama ficava infestada de baratas. Ela nunca percebeu Gladys cobrindo suas risadas maléficas com a mão.

De qualquer maneira, Nest tinha um segredo: estava apaixonada por um cavaleiro normando chamado Sir Walter Mansell. Eles se conheceram quando Sir Walter e seus amigos cavaleiros atacaram um vilarejo nos arredores das muralhas do castelo de Kidwelly. Nest estava comprando porcos no mercado para o churrasco de domingo quando um ataque liderado por Sir Walter atingiu o vilarejo. Imediatamente, Nest ficou impressionada pela maneira como o

Prince Llewelyn never recovered well from the loss of his favourite hound Gelert, he did the best he could to preserve the memory of the faithful dog and made a beautiful fur hat that he never removed even on the hottest of days. The rest of the body of the dog was buried with full honours of a brave warrior.

Dear tourist, as you travel through Wales today in your rented car, take an afternoon to visit the north-west, drive around the gentle curves of the hills of Snowdonia, carefully now. There, a little north of the town of Porthmadog, on the A498, just south of the junction with the A4085, stop your car a while at the little village of Beddgelert, get out, follow the footpath across the meadow, after some yards you will come across a cairn of stones, erected above one of the bravest dogs in history. Bedd Gelert, the Grave of Gelert.

Gwin and the pot of gold

All the children were out playing and called to Gwyn,

"Come and play Gwyn, we're going to throw Dewi in the river!"

But Gwyn the miller's son didn't follow the other children, he wanted to climb the hill where, the previous day, he had found two golden coins on which were engraved strange and enchanting patterns.

"They are fairy coins!", his mam had said, "We'll have ten years of bad luck if you bring those things in here – for each coin! I'll throw them in Morgana's well, she's an old witch and deserves it!"

That same night, Gwyn's mam sneaked out of the house and taking the coins from under a stone where she'd left them, threw them into the well of the neighbour, widow Morgana, Dewi's mam.

Now, altogether disappointed, Gwyn returned to the hill and began to look for more of the strange coins. It was then he saw a funny little man in yellow and blue with a huge flower in his hat.

"Come with me Gwyn, I'll show you where you can find more gold coins! Come, come!"

A little nervous but anxious to see the coins Gwyn followed the elf into a cave in the side of the hill.

For ten long years nothing was seen of Gwyn in the village.

One fine day Gwyn's mam, old and sad with grief, opened the front door of the house, and there was Gwyn on the doorstep! Not a year older than the day he had disappeared! His mother called out.

"Gwyn! Gwyn's back! Ifan Miller! Gwyn's come back to us!"

Gwyn's father appeared at the door.

"But this is a child, our Gwyn must be about twenty years old now!" he said.

Gwyn, hardly recognizing his own mother and father answered.

"It's me pa, Gwyn, what happened? I slept all night in a cave in the hills after a fairy banquet", he looked up and saw Widow Morgana's house.

"What's happened to Widow Morgana's house? It's so big and new!"

The neighbour's house was now an enormous mansion at the side of which were three great barns which appeared to be bustling with activity with men running in and out pushing and pulling great trolleys full of bottles of water. In front was a huge sign which pronounced:

WIDOW MORGANA'S SPARKLING MINERAL WATER.
EVERYTHING ELSE ISN'T!
PUT A LITTLE SPARKLE IN YOUR LIFE!

At that moment the widow herself appeared at the door, dressed in a beautiful expensive gown, followed by a youth of 20 or so.

"Yooooo Hoooo, Gwyn's mam! How are you today? But who's this young lad, looks like Gwyn himself!" and laughed a high pitched screechy laugh.

"Come on Dewi, we can't be late for afternoon tea with the queen", they got into a golden carriage pulled by six snow white horses.

"Come inside Gwyn my son, don't pay any attention to her", Gwyn's mam, led the way to the fireplace. Inside Gwyn explained how the day before, or ten years ago which in fact was the case, he had followed an elf into a hole in the ground, had a feast and fell asleep on a bench, when he awoke, he found himself on the dewy grass on the hillside and had walked home. Mam and pa were sad to hear Gwyn's story but happy and content that he was finally home.

Some days passed and Gwyn heard his mam and pa talking in the kitchen.

"I'm out of work dear, the English have burned all the wheat" pa said.

"But we don't have any money, what are we going to do?" mam asked.

"There's always the treasure at Pentyrch, the pot of gold", he laughed without humour.

"Oh don't be silly Ifan Miller, that's fairy treasure, and as we all know, fairies don't exist!"

"Yes they do!" Gwyn entered the kitchen, "Tell me about the treasure of Pentyrch, pa!"

Ifan the Miller told the story of the great treasure of Pentyrch which was just a legend passed down from generation to generation.

"The treasure doesn't exist as a matter of fact. You know that great crag at Pentyrch? There's a pot of gold under it" concluded pa.

"Let's try to find the treasure, mam, pa!" cried Gwyn excited by the prospect.

"It would be a wild goose chase son; the treasure isn't there, besides nobody can move the crag to get it!"

"Let's try please, let's try!" insisted Gwyn.

Gwyn went on and on about the treasure and about how they should try

that in the end mam and pa gave up and agreed that the next day they should take Benno the mule and push and pull the great crag until the treasure, which isn't there, is revealed.

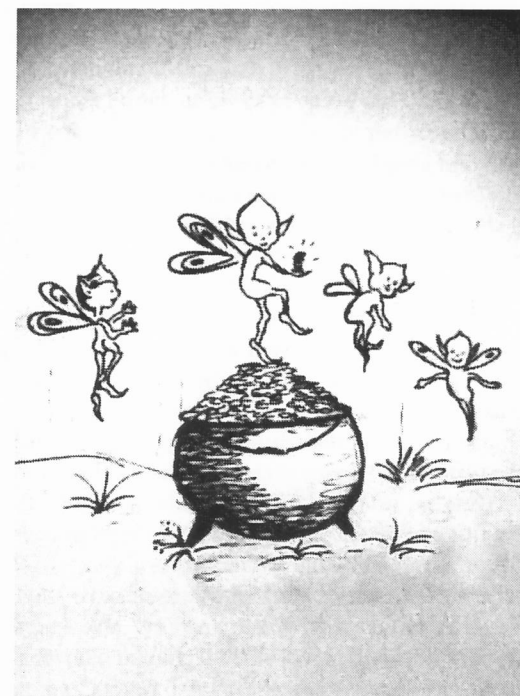
And so the next day, mam, pa, Gwyn and Benno set off from the house on the two hour walk to Pentyrch. On the way they met with several village folk and neighbours, who enquired of their adventure.

"We're going to get the treasure at Pentyrch!" said Gwyn, before his pa could shut him up.

"HOHOHOHO!" laughed the neighbours, "the treasure at Pentyrch? That old tale that our grannies used to tell us?!"

When they arrived at the crag, word had got round and there was a crowd waiting to watch the miller's family make fools of themselves, and also waiting for a share of the treasure.

Ifan got to work immediately and harnessed old Benno to the crag the size of a house. When all was ready, the mule in the valley bellow, the small family braced behind the crag, they started to heave. Push! Pull! With each heave the crowd yelled, "HEAVE!" and roared with laughter. "HEAVE!" after 20 minutes, things were getting boring.



"I've had enough of this, I'm off." One chap in the crowd said and they all started drifting away. At that very moment the slightest grinding scraping sound was heard, the crowd froze. Excruciatingly slowly the great rock moved an inch, the crowd rushed back to get a good look. Inch by slow inch the crag scraped over the ground, then there was a great crash and the whole thing went tumbling into the valley below, crushing poor Benno to death. The earth was exposed, and there it was – where the great rock once stood – mud! Not a single pot of gold.

"Fools!" someone said and the crowd dispersed and went off home.

"Oh well" Gwyn said, "We still have that big sack of diamonds I brought back from the fairy cave".

And they lived happily ever after.

The bridge of the white spirit

On the south west coast of Wales is built the castle of Kidwelly, its thick ancient walls an unbreachable barrier that had stood the test of many a Saxon army who threw themselves in vain against the hard cold stone. Later the Normans did the same.

Inside these very same walls lived Sir Elidir Dhu, his two sons, Rhys and Gruffydd and his daughter, the lovely Nest, lovely but a bit *twp* and she talked an awful lot. A whole bunch of other people lived there also of course, but we don't need to be concerned about them. Except perhaps, Gladys, she was Nest's cousin who's father had died in a fierce battle obliging his wife and daughter to live at Sir Elidir's expense. So Elidir's sister-in-law lived there as well then. Gladys was horribly envious of Nest as all the young men of the castle (yes, alright, they lived there too!) and young, single visiting nobles, hovered around Nest as bees around those large fermenting pots of wine from distant lands, and paid little attention to small, plain Gladys. So envious was Gladys that she played nasty tricks, though Nest believed her a friend. Nest never understood how small frogs suddenly appeared in her wine goblet or how her hair brush became sticky with honey, or how, one summer's evening, her bed was full of cockroaches. She never saw Gladys sniggering maliciously behind her hand.

Anyhow, Nest had a secret. She was in love with a Norman knight named Sir Walter Mansell. They met when Sir Walter and his knightly friends were raiding a village outside Kidwelly castle walls. Nest was buying pigs at the market for Sunday's barbecue when the raiding party, led by Sir Walter, hit the village. Immediately Nest was impressed by the way this knight bashed the heads of innocent poor peasants. On recognising Nest as a noble personage by the fact that she wasn't covered in dung like the rest of them, Sir Walter had the brilliant idea of kidnapping her and demanding a ransom.